



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

CAMPUS: I- BODOCONGÓ

CENTRO: Centro de Educação- CEDUC

Tipo do TCC: Relatório

Autor: Jader tomé da silva

Tutoria e Inclusão: A Experiência Acadêmica de Leitura para pessoas cegas

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Itan Pereira – CEDUC 1 – UEPB

S586t Silva, Jader Tomé da.  
Tutoria e inclusão [manuscrito] : a experiência acadêmica de  
leitura para pessoas cegas / Jader Tomé da Silva. – 2010.  
21f.  
  
Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Pedagogia) –  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.  
  
“Orientação: Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos, Departamento  
de Educação”.

1. Inclusão Social. 2. Tutoria. 3. Deficiência Visual. I. Título.

21. ed. CDD 371.904 6



DE  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
Curso de Pedagogia

RELATÓRIO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AOS 04 DIAS DO MÊS DE novembro DO ANO 2010 ÀS 9:00 HORAS, NA SALA 12, COM A PRESENÇA DE PROFESSORES (AS) PARTICIPANTES DA BANCA EXAMINADORA ABATXO DISCRIMINADA, REALIZOU-SE A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO Tutoria e Inclusão: a experiência acadêmica de leitura para pessoas cegas.

DESENVOLVIDO PELA (O) ALUNA (O) Jader Tomé da Silva

A APRESENTAÇÃO TRANSCORREU EM CONFORMIDADE COM AS NORMAS ESTABELECIDAS PELA RESOLUÇÃO/CONSEPE/32/2009. A (O) ALUNA (O) UTILIZOU 20 MINUTOS PARA APRESENTAÇÃO E A BANCA EXAMINADORA, UTILIZOU IGUAL TEMPO PARA AS DEVIDAS ARGUIÇÕES. AO TÉRMINO DA APRESENTAÇÃO A BANCA SE REUNIU ISOLADAMENTE E EMITIU O PARECER, ATRIBUINDO A NOTA 90 (excelente) (O) A ALUNA (O) QUE FOI DIVULGADA PELA (O) ORIENTADOR (A) QUE AGRADECEU A PRESENÇA DE TODOS.

CAMPINA GRANDE, 04 de novembro de 2010.

ORIENTADOR (A) Luiz Roberto (Carigian Pereira da Faria)

EXAMINADOR (A) Luiz Roberto (Carigian Pereira da Faria)

EXAMINADOR (A) Luiz Roberto (Carigian Pereira da Faria)

ALUNA (O): Jader Tomé da Silva

MATRÍCULA 04.121 013-1

Jader Tomé da Silva  
COORDENADOR DO TCC

de Faltas e atrasos "00"

JADER TOME DA SILVA

**TUTORIA E INCLUSÃO: A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE  
LEITURA PARA PESSOAS CEGAS.**

Relatório apresentado à Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito para obtenção do  
título de graduação em Pedagogia.

Orientadora:  
Dra. Lígia Pereira dos Santos

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>19</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## **RESUMO**

O Relatório trata de uma experiência no exercício da tutoria, integrante do Programa de Extensão e Assuntos Comunitários – PROEAC, da Universidade Estadual da Paraíba, com o objetivo de refletir sobre o processo de atendimento uma pessoa cega, por meio da leitura de textos, buscando propiciar o desenvolvimento compreensivo das referidas atividades. Fundamenta-se nas concepções de Freire (1992); Sasaki (1997); Gaio (2004) dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** TUTORIA. INCLUSÃO. LEITURA PARA PESSOAS CEGAS.

## 1 APRESENTAÇÃO

O presente Relatório mostrará uma proposta pedagógica de leitura de texto para *Pessoas Cegas*, podendo contribuir para divulgar a importância do Programa de Tutoria.

O Programa de Tutoria Especial faz parte do Programa de Extensão criado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC).

A criação deste programa da UEPB procura satisfazer a obrigatoriedade da Lei da Constituição Federal Brasileira de 1988, no art. 208, inciso III, a qual diz que é garantido como dever do Estado a educação cujo atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, deve ocorrer, preferencialmente, na rede regular de ensino.

O Programa de Tutoria Especial fundamenta-se pelo princípio da Educação Inclusiva, que tem por base os documentos da Declaração de Salamanca. Tal declaração relata sobre política e prática na área das necessidades educativas especiais, e foi elaborada em 1994 pelo governo da Espanha junto com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Portanto, este Relatório científico abordará as experiências da leitura de texto escrito para *Pessoas Cegas*; reconstitui os avanços da Educação Especial dentro de uma história em que a educação inclusiva não era uma proposta política do Estado por causa do preconceito quanto a capacidade das pessoas deficientes que eram consideradas ineficazes à produtividade e aprendizagem, passando a serem excluídas educacionalmente.

As experiências da leitura de texto para *Pessoas Cegas* será de modo o eixo condutor deste trabalho científico, cuja importância para o Programa de Tutoria feito pela Instituição de Ensino Superior (IES) contribuirá para as análises do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) satisfazendo os seus objetivos inerentes a sua função dentro da Resolução/UEPB/CONSEPE/013/2006 do artigo 8 que diz: “Ao tutor cabe elaborar, com orientação dos professores, um relatório sobre as atividades da tutoria especial ao término do seu exercício.

Portanto, a realização deste trabalho de Tutoria e, suas experiências do processo de leitura para *Pessoas Cegas*, possibilitará apresentar mais uma maneira de lê e incluir,

dando informações que seriam úteis aos (as) novos (as) tutores (as) que ingressam no Programa de Tutoria para melhor atender através da leitura em prol da compreensão da pessoa ouvinte e não vidente.

Nesse sentido, o modo de leitura como procedimento se fundamenta na inclusão e princípios de *equiparação de oportunidades* segundo Sasaki (1997, p. 171) que diz: “Necessidade de melhoria da qualidade de vida: Hoje Não basta que os produtos e serviços necessários à reabilitação, a educação, ao trabalho e ao lazer estejam disponíveis à pessoa com deficiência”.

Desta forma, as experiências tidas entre o (a) tutor (a) e tutorando (a) colaboraria para análises e construção de conhecimento em prol de um melhor atendimento deste referido Programa de Tutoria para adequar-se de maneira mais justa, numa educação integradora (procedimento pedagógico especializado) que corresponda à demanda de uma sociedade inclusiva.

A sociedade tornar-se-á inclusiva na medida em que se auto-organiza para viabilizar o desenvolvimento das capacidades da pessoa deficiente. Gaio (2004, p. 162) comenta da seguinte forma: “[...] pessoas consideradas deficientes estão dispostas a enfrentar as dificuldades oriundas de uma sociedade que se organiza considerando em menor escala de suas necessidades”.

Portanto, este trabalho apresenta um breve relato da experiência na Tutoria de um aluno Cego do CEDUC/UEPB, nos intuito de contribuir com a formação docente e exercício de futuros (as) tutores (as).



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a antiguidade, as pessoas deficientes eram excluídas por serem consideradas incapazes de realizar uma atividade. Segundo Aranha apud Gaio (2004, p. 149): “Os cuidados começam com a política de eugenia que recomenda abandonar as crianças com defeitos, frágeis demais, bem como procurar fortalecer o corpo das mulheres para gerarem filhos robustos e sadios”. (p.38).

A exclusão social era uma prática discriminatória - em relação às pessoas tidas como monstruosas e defeituosas, no discurso romano, as quais mereciam a morte ou marginalização. E, em Atenas, apesar de valorizar a educação intelectual, mantinha-se a eugenia que marginalizavam as pessoas.

Silva apud Gaio (2004, p. 150) dizem que: “[...] matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravos; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas, matam-se os fetos e os recém-nascidos monstros, se nascerem defeituosos e monstruosos, afogamo-lo, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis”.

Observamos que o defeito de uma criança era igual à enfermidade das ovelhas, valores arcaicos tirados do ambiente físico rural cuja referência é tida padrão normal colocando a deficiência em anormal que conseqüentemente tornando-se motivo da prática de exclusão.

Desde o século XX ao XXI tem-se, então, desenvolvido o processo de integração rumo a construção de uma sociedade inclusiva, começando a partir do final da década de 60 segundo Sasaki (1997, p. 31).

É necessário no decorrer histórico sobre como se desenvolveu a questão da inclusão, cujo termo segundo Sasaki (1997, p. 167), começou a ser mencionado. Porém, ainda não havia uma classificação precisa entre integração e inclusão aos quais eram tidos como termos ou vocábulos sinônimos (semelhantes).

O termo sociedade inclusiva foi lançado em 1981 pela Organização das Nações Unidas (ONU) quando realizou o Ano Internacional das Pessoas Deficientes (AIPD), que reconhecia o direito das pessoas deficientes como membros integrantes da sociedade.

Os princípios que norteiam este conceito de sociedade inclusiva que regeria a inclusão na educação, no trabalho, no lazer, recreação, esporte, turismo, cultura, religião, artes, família. É segundo Sasaki (1997, p. 171): “Solidariedade humanitária -pessoas com deficiência são seres humanos...”

Mas outras principais tendências ou princípios inclusivos são segundo Sasaki (1997, p. 35,36 e 37): Autonomia, independência, autonomia e independência e emponderamento.

Para Sasaki (1997, p. 171), as pessoas deficientes enfrentaram muita luta da exclusão social para o atendimento especializado segregado e, depois para integração social.

Já o atendimento especializado começou através, segundo este autor na década de 70, quando começou o princípio da normalização que tinha como pressuposto de que toda pessoa deficiente tem direito de viver num ambiente físico e cultural em prol de experimentar o padrão comum do sistema geral da sociedade.

Assim, foram criadas instituições semelhantes as que existem em alguns setores (educação e trabalho) que ficassem os mais parecidos ao padrão comum da sociedade, como escolas especiais que segregavam as pessoas das escolas comuns. Nesse processo ainda caminhava para a inclusão.

Por fim, a inclusão já mais próxima pós-normalização, passou a ser implantado. A **Inclusão** segundo Sasaki é (1997, p. 39): “Processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão busca uma parceria para equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos”.(SASSAKI, 1997. p.39)

Assim, a inclusão e a adaptação tanto da sociedade quanto da pessoa deficiente se realizam de maneira mútua. A **integração** significa a inserção da pessoa com deficiência preparada para conviver na sociedade e a Inclusão significando modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania.

O documento da Assembléia Geral de 20/12/1993, sobre normas e equiparação

de oportunidades para pessoas com deficiência define: “O termo **equiparação de oportunidades**, significa o processo através do qual os diversos sistemas da sociedade e do ambiente, tais como serviços, atividades, informações e documentação, são tornados disponíveis para todos, particularmente para pessoas com deficiência” (NAÇÕES UNIDAS, 1996 §24).

O processo histórico da Inclusão nos anos 70 era de forma ainda segregada pela normalização a qual se fundamentava no princípio do modelo médico da deficiência conforme A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes aprovada em 1995, diz em seu artigo 7º: “As pessoas deficientes tem direito a tratamento médico, psicológico e funcional, inclusive, aparelhos protéticos e ortóticos, à reabilitação, à educação ao treinamento e reabilitação profissional, à assistência, ao aconselhamento, aos serviços de colocação e a outros serviços que lhes possibilitarão desenvolver suas capacidades e habilidades ao máximo e aceleração o processo de sua integração ou reintegração social”.

Porém, Sasaki (1997, p.29), com base no documento escrito por Agnes Fletcher conclui: “O modelo médico da deficiência tem sido responsável, em parte, pela resistência da sociedade em aceitar a necessidade de mudar suas estruturas e atitudes para incluir em seu seio as pessoas com deficiência...”. Tal idéia criou as Instituições segregativas como as Escolas Especiais.

Só em meados da metade da década de 80 foi que os tais princípios inclusivos esclareceram a visão da sociedade através do princípio de Integração a partir da equiparação de oportunidades, por parte da sociedade.

Portanto, o modelo médico definia deficiência como doença que seria resolvida por tratamento ou cura inviabilizando a idéia de modificação na estrutura geral do sistema da sociedade (inclusão) a qual considerava a culpa na doença que impediria o desenvolvimento das capacidades, cuja doença seria curada por intervenção médica, e não pedagogicamente, mas claro que em alguns casos seria necessário a intervenção médica.

Mas, através dos princípios Inclusivos foi que nasceu a definição de deficiência segundo Sasaki (1997, p.46), ao citar a Classificação Internacional de Impedimento, Deficiência e Incapacidades, adotada pela ONU em 1980, que vigorou em 2001; que classifica impedimento como qualquer perda ou anormalidade da função ou estrutura

psicológica, fisiológica ou anatômica. Deficiência como qualquer restrição ou falta (resultante de um impedimento) da habilidade para desempenhar uma atividade...e incapacidade-como uma desvantagem resultante de um impedimento que limita qualquer atividade considerada normal.

No Brasil o termo Deficiência segundo essa classificação passou a substituir o termo por incapacidade.

Portanto, já definido Deficiência, no contexto não só médico, mas dentro dos princípios sociais de inclusão, fez com que a sociedade viesse a modificar sua estrutura através da equiparação de oportunidades, que no caso da educação, procura modificar procedimentos pedagógicos, ou seja, o método e recurso materiais e humanos em prol da adaptação dessa pessoa-integração desta.

Nesse sentido, a leitura de texto para Pessoas Cegas, está dentro do contexto social de Inclusão, onde procura melhorar o atendimento pedagógico deste Programa da Tutoria, da Universidade Estadual da Paraíba que será explicado na leitura de textos com o fim de viabilizar tal equiparação de igualdade produzindo a Inclusão dessa pessoa através de uma melhor aprendizagem em prol de sua inclusão social.

Freire (1992) indica a importância em que uma leitura em si tem somente quando se relaciona com o contexto de uma realidade, dando oportunidade de perceber que o programa da tutoria, também poderia ser um subsídio ou instrumento de mediação para a pessoa com necessidades visuais adquirir conhecimento mais consistente, através da leitura sistêmica, feita pelo (a) tutor(a).

Portanto, a intenção maior de uma leitura nossa segundo Freire seria: “Mais voltada na redução de várias palavras em busca do seu sentido ou de sua realidade em si, excluindo conectivos de frases, procurando o seu contexto em prol do entendimento do significado para a pessoa com necessidades visuais,

Viabilizaria não a construção do sentido através da leitura de palavras por palavras, mas palavras que buscam um sentido do todo- uma síntese. Sendo assim, uma busca de vocábulos que dêem nome ao conjunto de várias palavras de acordo como Paulo Freire nos indica o processo da leitura.

### 3 METODOLOGIA

O auxílio por parte do(a) tutor (a) à pessoa com deficiência visual, tem por base levar a compreender o conhecimento através da utilização da sua audição, pela forma da pronúncia sonora das palavras dos textos, pois se enquadram como uma das responsabilidades do (a) tutor (a). No entanto, a pronúncia sonora das palavras torna-se objeto de apreensão no que diz respeito da área de como mediar esse conhecimento por um modo adequado de pronúncia de sentenças (frases). Faz-se necessário, portanto, esclarecer acerca da pronúncia sonora das palavras escritas, ou seja, um modo de leitura para pessoas com deficiência visual.

Nesse sentido, o processo de leitura de como pronunciar textos escritos sugere-se ser atividade de transcrição de sentidos (a busca de palavras não-variáveis e a exclusão de conectivos e palavras variáveis) de uma sentença através de duas maneiras práticas: a primeira é a leitura de uma sentença e sua pausa, repetindo depois de um breve espaço de tempo a leitura das partes finais, levando em consideração que uma ou duas ou mais palavras produzam certo sentido parcial que possibilite a continuação/andamento do termino da sentença, esta, então, será relida. De maneira usual podemos analisar, por exemplo, que contendo seis palavras numa sentença, a qual tem em seu todo um sentido total, podemos executar uma leitura de três palavras, após isto faria uma releitura das três ou duas primeiras palavras concluindo com a leitura das três últimas simultaneamente. Dessa forma acreditamos que produz maior facilidade na memorização das frases, logo, também dos seus sentidos. Pelo fato de que a pessoa cega está susceptível ao esquecimento, ou seja, a não retenção de conhecimento tendo lidas ao mesmo tempo sem pausa e repetição simultânea, neste caso, como o todo das seis palavras.

Falcão (1996, p. 29), nos orienta a respeito deste esquecimento de palavras em fração de segundos: “É preciso, reter uma sequência até a leitura de outra, mais adiante, que dará sentido ao conjunto. Este é o trabalho da memória sensorial. Ela retém a informação por alguns segundos ou fração de segundos apenas”.

No entanto, a mediação pedagógica do (a) tutor (a) através da leitura para as pessoas “cegas”, poderia ser em preocupar-se com esse intervalo de palavras anteriores,

lidas, porém esquecidas em alguns segundos pelos participantes, implicando como sugestão mediadora a utilização da releitura do texto, ou seja, a repetição da primeira parte da sentença, com simultânea leitura da segunda parte após breve pausa.

A questão da intervenção pedagógica da leitura para pessoas com deficiência visual, viabilizaria benefícios não só na transmissão do conhecimento da área específica do beneficiário do programa, mas abre uma porta para estudos voltados em como promover uma melhor aprendizagem do próprio conhecimento através da leitura.

É, portanto, um grande problema, a própria aprendizagem da área específica do aluno (a) cego(a) que a estuda, porque ouvindo e introduzindo em seu juízo o assunto transmitido, precisaria não só introjectar, mas raciocinar e refletir, estabelecendo relações do que ouvir com o que já sabe, enfim produzindo até mesmo um novo conhecimento através de sua reflexão sobre o assunto, exigindo, então, um espaço de tempo.

Nesse sentido, Falcão (1996, p. 20), nos acrescenta a definição de aprendizagem: “Aprendizagem como uma modificação relativamente duradoura do comportamento, através de treino, experiências e observação”.

Colocamos ênfase na prática da leitura para pessoas com deficiência visual que ao se lê um texto deveria ao tutor (a), possibilitar um momento para identificar essa aprendizagem do conhecimento do referido texto. Em vista disso, viabilizaria aprendizagem na prática da leitura através de uma espera necessária para o (a) tutorando (a) em sua reflexão sobre o texto ouvido, portanto, falado pelo (a) tutor (a), levando em consideração ainda, a opinião do autor sobre o treino. Esta, referida ação de treinar é, portanto, uma boa oportunidade na prática de leitura, considerando os dois momentos da aprendizagem do assunto em leitura, isto é, a leitura e seu término e um breve intervalo para uma pequena reflexão.

O ponto positivo para o (a) tutor (a) verificar se rendeu bem a maneira de se ler é observando o momento desta referida reflexão onde aparecerá a aprendizagem do assunto da pessoa tutoranda.

A reflexão de um assunto para Falcão (1996, p. 31), pode ser mais um passo para memorizar o assunto para ter não só parte da vida da pessoa, mas também podendo ser lembrado com mais facilidade, o autor então diz: “Certas informações podem ser

armazenadas em mais de uma forma, o que lhes aumenta a possibilidade de evocação”.

Colocamos o estudo de um assunto em prol da aprendizagem não só na leitura de um texto ou uma frase. Mas um momento de reflexão pode abranger tanto um diálogo, síntese ou um momento de pausa para o tutorando com deficiência visual raciocinar sobre ou pensar sobre o assunto lido.

Desta forma, escutar e refletir podem abranger duas maneiras que intensificariam a aprendizagem do assunto lido pelo (a) tutor (a).

No entanto, quando tratamos sobre reflexão como um espaço para compreensão. Dewey apud Falcão (1979, p.191) nos explica da seguinte forma sobre o que é reflexão: “Inquirir, investigar, examinar, provar, sondar, para descobrir alguma coisa nova ou ver o que já é conhecido sob prisma diverso”.

Fazendo a leitura dentro do processo pausado e repetitivo, no segundo momento, intensificaria a fixação, mas lembramos também, que para acontecer, precisamos da pausa na leitura, depois uma releitura e, por fim, a reflexão, dentro de uma atmosfera de diálogo. Através da investigação surge um momento de análise comparativa de algo conhecido com o novo que se apresenta, podendo ser susceptível a produção de um novo conhecimento.

Ou seja, o objeto que será observado tem em si características ou partes que funcionam intrinsecamente formando o todo. Porém, para o tutor explicar o todo de um objeto em seu funcionamento necessitaria de uma mediação objetiva e fiel em sua descrição.

Por exemplo, em nossa experiência utilizamos um breve diálogo com o tutorando(a) sobre aquilo que no campo foi pesquisado, para saber o conhecimento que se tem sobre o objeto ou algo que se sabe como base ou ponto de partida para descrição futura como vemos através da orientação de Falcão sobre o conhecimento prévio (1996, p.20): “É fácil admitir que o conteúdo hoje aprendido dependa do conteúdo aprendido anteriormente. Se o advérbio é definido como classe de palavras que modifica o adjetivo, cumpre que o aluno já sabia o que sejam o adjetivo e o verbo. Daí muitos autores afirmarem ser a aprendizagem um processo cumulativo, em que cada nova aquisição se adiciona ao repertório já adquirido”.

Desta forma, é importante ter um diálogo com o tutorando para compreender do que ele (a) entende inicialmente do objeto, para poder ter noção de como descrever melhor na prática o tal objeto observável, levando em conta as experiências anteriores que serão suporte para a aprendizagem, através da descrição comparativa, utilizando a semelhança do anterior com a do posterior. Por isso, a busca de obter êxito na leitura de palavras numa frase, buscamos encontrar um vocábulo correspondentemente semelhante ao contexto da frase, chamamos de identificação de significado de uma frase.

Tanto numa descrição de um objeto de estudo através da leitura de texto quanto um corpo que necessite da visão, poderá ser explicado com este tipo de mediação, comparando através de exemplos de um só vocábulo para que haja enquadramento de semelhanças para o entendimento de algo que adquirido sirva de suporte de aprendizagem para que o que se apresenta como novo.

O suporte ou a base de conhecimento prévio que servirá para construção de uma nova aprendizagem seria pela forma de leitura pausada e repetitiva do primeiro termo de uma sentença e a leitura das palavras restantes terminando o percurso do todo da frase.

Também, acrescentamos mais uma forma de leitura de texto para pessoas com deficiência visual dentro do mesmo padrão de construção de aprendizagem utilizando estruturas anteriores como suporte para a compreensão das estruturas de aprendizagens posteriores.

Quando o autor comenta que a aprendizagem anterior serve como base para a aquisição de uma nova compreensão ou construção. Podemos, no entanto, resumir o enunciado de seis ou mais palavras em um só vocábulo através de uma interpretação.

Ao resumir, dentro da perspectiva de Falcão, poderia tornar o enunciado mais concreto, resumindo todas as palavras em uma ou duas palavras que identifique o sentido do todo das seis ou mais palavras.

Desta forma, sintetizar um enunciado dando vida ou personificando de maneira concreta um enorme enunciado, que pode conter elementos ou conectivos excessivos numa frase, causando enfim, um breve esquecimento, devido a capacidade da memória ser muito pequena para apreender todas as palavras de um enunciado, conforme comenta Falcão (1996, p. 30). “[...] ela precisa esvaziar-se logo, para dar espaço a outras impressões.



Por isso, com o fim de evitar o esquecimento do sentido do todo de uma idéia. Colocamos um/o significado único que um/o enunciado expressa com várias palavras.

O significado único ou a idéia central que um enunciado transmite, é a conclusão, que seria falada na pré-leitura do texto – uma síntese.

Nesse sentido, também nos diz Falcão (1996, p.31) sobre o sentido de um texto: “A fixação e a evocação serão tanto maiores quanto maior for o significado do material. Pesquisas mostram que um pequeno texto compreensível é mais facilmente memorizado que uma seqüência de palavras...”

Conforme o autor, na leitura de texto para pessoas com deficiência visual, a explicação conclusiva, que identifica a/uma idéia principal de uma sentença de palavras, proporcionará maior entendimento.

Logo, a pessoa que ouve de imediato o significado de uma frase, contendo *n* números de palavras, poderá já entrar no assunto sabendo, então, do que estar sendo tratado aquele texto.

Conforme mais um comentário de Falcão (1996, p. 32) quando a idéia central expressa num enunciado que pré-dita inclui a pessoa especial, com deficiência visual, no assunto imediato: “A regra geral continua sendo: maior compreensão, maior possibilidade de fixação e evocação - que quer dizer – a capacidade de lembrar o assunto”.

O estudo de texto feito através da leitura de palavras e o seu modo de como executar se enquadra como um dos auxílios, sendo o texto uma das tarefas pedagógica bastante dinâmica quanto ao uso de como decodificar uma frase.

Segundo o autor, compreender o sentido ajuda não só na fixação, ou seja, memorização, mas também possibilitaria a evocação que quer dizer – a capacidade de lembrar o assunto.

Objetivo da tutoria – aprendizagem do aluno especial...Vemos a importância da ajuda ao outro (a), no que concerne a aprendizagem. Sendo então, a preocupação maior na aprendizagem mal adquirida, causaria esquecimento do assunto conforme diz Falcão (1996, p.33): “[...] podemos apontar como fatores responsáveis pelo esquecimento, a fragilidade da aprendizagem...”

A atenção na aprendizagem provinda pela leitura falada à pessoa de

necessidade visual evidencia, enfim, um objetivo a um modo de leitura de texto que promova não só a mediação do conhecimento, mas também a sua compreensão duradoura.

Desta forma, a tutoria no processo de leitura de sentença de palavras procuraria, preventivamente, o entendimento do assunto/tema buscando formas melhores ou sentidos falados do que será lido, estudando com antecedência para que havendo entendimento do assunto possa, então, ser expressa a idéia central, ou seja, o sentido do enunciado.

Nesse sentido, podemos justificar que o título de um texto é basicamente a idéia ou assunto de que o texto irá tratar, dando oportunidade da pessoa concluir o sentido dos enunciados. Os enunciados cujo parágrafo final contém varias orações poderiam ser feitas no ato da leitura a sintetização dessas orações.

Penna (1997, p.626) nos orienta da seguinte forma um sentido de um objeto: “[...] há elementos estáveis que predominam sobre as variáveis, fazendo com que o objeto cognoscível seja identificado”.

Podemos perceber que existem casos em que existem em uma sentença muitas palavras que ao se completarem produzem um significado. O que poderia no ato da leitura ser um problema em relação à aprendizagem do assunto pelo fato da pessoa que ouvindo a leitura de texto pelo tutor, se concentraria a atenção no conjunto de várias palavras para por um raciocínio de interrelacioná-las em prol de entender o sentido.

O problema aparece quando no processo da leitura das palavras falada, uma ou duas ou mais palavras serem esquecidas pelo fato de sua atenção se dirigir a quarta ou quinta palavra lida e falada à pessoa conforme Falcão comentou sobre o espaço de tempo em que a memória necessita de esvaziar-se para ser preenchida novamente pelo atual objeto introduzido.

Por isso, é possível, no processo de leitura, colocar o sentido de um enunciado com o elemento estável como o alicerce da compreensão do texto para depois serem lidas as palavras todas do enunciado, os quais podem se variar quando esquecidas algumas no momento da leitura do enunciado.

## 4 RESULTADOS

### **Campo de Estudo:**

No Núcleo de Educação Especial (NEDESP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) onde foi feita a realização da leitura de textos referentes à área de curso do tutorando.

### **Organização dos encontros:**

**Reuniões:** Eram realizados três encontros semanais no período de um ano letivo, e também conforme a necessidade do beneficiário. Recursos utilizados foram: computador (Programa DOSVOX), texto em A4, máquina de Bráile, gravador (fita K7) e ficha do tutor.

### **Procedimentos**

**sujeitos:** Tutor e Tutorando

**Uma análise da prática:** Geralmente, a leitura corrida, ocorria das 8:00h às 11:00h, e a minha voz ficava fraca e rouca. As indagações do **tutorando** ocorriam nessa forma de leitura de decodificação de todas as palavras várias vezes produzindo o som de: **(voz doTutorando)** -Hum? O que? Como? etc.

Ao se fazer a leitura corrida, as mesmas indagações, ocorriam quando aconteciam barulhos nos corredores do prédio, de pessoas conversando em voz alta, de sorrisos altos, tirando assim a atenção da pessoa que ouvia, a qual possuía necessidade visual.

As indagações se repetiam quando haviam pisadas nos corredores e afastamento de cadeiras no andar de cima.

Na leitura planejada ocorriam comentários do tutorando. As indagações diminuíram muito, havendo maior participação do tutorando em diálogo, estimulado pelo próprio tutorando, pedindo o que se concluía dentro do diálogo para ser escrito em Braille.

A leitura feita em computador, gravador e nos textos escritos em folhas eram de forma, corridas, sendo pausado entre vírgulas, parágrafos e ponto em seguida.

Ao término do último encontro ou sessão eram feitas indagações sobre o modo em que eram realizadas as leituras nos três recursos materiais. Geralmente as respostas do tutorando eram pouco convincente e, se constatava o pouco entendimento do assunto lido pelo tutor quando o beneficiário produzia sons indagativos como:

(voz do tutorando) - Hum? Como? O que? Motivando-me a fazer uma releitura.

Nos três meses ocorridos, percebi a necessidade de se fazer mais estudos e leituras no NEDESP, encontrando livros que subsidiariam uma melhor forma de leitura de texto quer seja em computador, gravador ou em textos escritos em folha A4.

A leitura de identificação de sentido/significado, possui três procedimentos.

O desenvolvimento da leitura tanto no gravador, em papel A4 ou no computador, era de início feita a busca de um só vocábulo (palavra/significado) ou dois que pudessem corresponder fielmente o que a frase expressava.

- Exemplo 1:

Texto: Nas zonas urbanas os pombos domésticos são de fácil adaptabilidade.

Procedimento:

- 1 (Ficha do tutor-Significado): Áreas urbanas os pombos se adaptam facilmente.
- 2 Leitura: Nas zonas urbanas os pombos domésticos são de fácil adaptabilidade.
- 3 Releitura: são de fácil adaptabilidade...

O segundo momento após a identificação do significado de uma frase era então, feito a leitura de todas as palavras de maneira que a leitura tivesse uma velocidade de decodificação lenta antes que houvesse um pequeno espaço de tempo.

Por fim, o terceiro momento se fazia uma releitura excluindo alguns dos conectivos e palavras não decisivas no entendimento, repetindo as palavras decisivas na construção do significado, que no terceiro momento dá-se continuidade a partir da palavra “são de fácil adaptabilidade”, que será lido o restante da oração a partir deste terceiro momento.

-Exemplo 2

TEXTO: Os pombos domésticos, geralmente são representados, como cartão-postal,

embelezando as praças, proporcionando lazer para as crianças e idosos, provocando sentimento de carinho, alegria e simbolizando algo de maravilhoso para as pessoas, eles têm a incrível capacidade de reconhecer formas no espaço.

- 1 (Ficha do Tutor-Significado): Os pombos, em geral embelezam as praças, é tido como cartão-postal, é um lazer para todas as idades. Símbolo e sentimento bom, alegre e carinhoso, capazes de reconhecer diferentes formas espaciais.
- 2 Leitura: Os pombos domésticos, geralmente são representados, como cartão-postal, embelezando as praças, proporcionando lazer para as crianças e idosos, provocando sentimento de carinho, alegria e simbolizando algo de maravilhoso para as pessoas, eles têm a incrível capacidade de reconhecer formas no espaço.
- 3 Releitura: cartão-postal, embelezando as praças, proporcionando lazer para as crianças e idosos, provocando sentimento de carinho, alegria e simbolizando algo de maravilhoso para as pessoas, eles têm a incrível capacidade de reconhecer formas no espaço.

O modo de leitura de texto de identificação de significado era aplicado no texto em A4 e no computador. Contudo no gravador, o procedimento ocorria somente na identificação do sentido, porém não achei necessidade de proceder ao terceiro momento- a releitura.

Também era realizado um pequeno texto em Braile com a intenção de colocar uma síntese do que se entendeu do texto lido no gravador, de acordo com os objetivos da tutoria, de auxiliar a pessoa com necessidades especiais, pedagogicamente, como uma opinião do assunto que o texto tratava, sabendo o tutorando que era opinião do tutor.

Portanto, o resumo escrito na forma de Braile/ou em Braile consistia em transmitir o sentido e o objetivo do texto. Esse pequeno resumo dos textos lidos no gravador substituíria naquele momento a presença do diálogo direto entre o tutor com o tutorando.

O tutorando aceitou a ficha, complementando, onde passou a ler antes mesmo de ouvir o gravador.

Nesse sentido, serviria como reforço para fixação e evocação do conhecimento, possibilitando melhor lembrança do assunto. Tendo, portanto como objetivo básico – estável a compreensão, o significado do texto. Sendo este mais trabalhando quando for lida todas as palavras, as quais mesmo variáveis, porém se assemelhando na leitura de seu conjunto todo, possibilitando a identificação daquele significado.

Até a leitura de textos escritos tem características de mais interpretação de sentido do que de sons de letras ou palavras, por que também Paulo Freire (1992, p. 11), nos orienta acerca da leitura: “Estabelecemos as relações entre a leitura da palavra e a leitura da realidade, determinando, assim, as várias tendências e concepções da realidade na qual o homem está inserido. A leitura é um meio pelo qual o indivíduo identifica-se com sua realidade”.

Freire (1992) indica a importância em que uma leitura em si tem somente quando se relaciona com o contexto de uma realidade, dando oportunidade de perceber que o Programa da Tutoria, também poderia ser um subsídio ou instrumento de mediação para a pessoa com necessidades especiais adquirir conhecimento mais consistente, através da leitura sistêmica, feita pelo (a) tutor (a).

Portanto, a intenção maior de uma leitura nossa segundo Freire seria: Mais voltada na redução de várias palavras em busca do seu sentido ou de sua realidade em si, excluindo conectivos de frases, procurando o seu contexto em prol do entendimento da pessoa com necessidades visuais, do significado.

Possibilitaria não a construção do sentido através da leitura de palavras por palavras, mas vocábulos que buscam em sentido do todo- síntese. Sendo assim, uma busca de vocábulos que dêem nome ao conjunto de várias palavras de acordo como Paulo Freire nos indica o processo da leitura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, e suas experiências na leitura, colaborariam para não só o grupo social do Programa de Tutoria, como mais um dado que beneficia o aprimoramento da tutoria no seu atendimento a pessoas com deficiência visual, mas pode alcançar os interessados (as) da área de educação pela prática da tutoria.

O processo de leitura para pessoas com deficiência visual requer paciência para ser feito um bom trabalho, que possibilite a compreensão da pessoa que ouve o texto lido; e por fim, a qual empondera o beneficiado produzindo a tão sonhada equiparação de oportunidades, educacional.

Em se falando da responsabilidade do (a) Tutor (a), a leitura do tutor e sua maneira de ler é uma ação que deve ser planejada previamente elaborando um pequeno texto complementar, ou seja, uma ficha de palavras de significado (sentido) de cada parágrafo do texto que será lido. Servindo como um mapa mental de significado para o (a) tutor (a), indicando a idéia central em cada parágrafo que o texto expressaria.

Por fim, podemos agora destacar essas experiências, através de um relatório científico que proporcionaria ao CONSEPE e PROEAC a oportunidade no avançar do atendimento e sua qualidade as pessoas com necessidades visuais, analisando este trabalho para indicar os pontos positivos que poderiam servir na elaboração sugestiva de um manual como instrumento que ajudaria na capacitação de novos (as) tutores (as).

O Relatório desta experiência acadêmica neste momento objetivou atender ao TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) de Pedagogia, conforme a recomendação do nono currículo implantado. Algo muito louvável, considerando que pude revisar a muita vivência na Tutoria Especial e registrar a importância e gratidão por aquela etapa de minha formação docente, tanto aos educadores e educadoras que fazem este curso, e, especialmente ao aluno-cego que tanto me ensinou sobre a vida e a Inclusão Social e educacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição Federal Brasileira, Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da educação. Brasil. 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica**. Secretaria de educação especial. MEC/SEESP, Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da educação. Secretaria. Secretaria da Educação especial. Decreto Nº 5.296, de 02 de Dezembro de 2004.

Conferência Nacional de Educação. 1º ed.. Curitiba, 1977.

FALCÃO, Gérson Marinho. Psicologia da Aprendizagem. 9º ed., Ática, 1996.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 1992.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob. Caminhos da Educação Especial no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2004.

I Conferência Nacional de educação/organização de Maria José Ferreira da Costa, Denilson Roberto Shena, Maria Auxiliadora Schmidt. Brasília: INEP, 1997.

PENNA, Belisário. Qual o Melhor processo para a educação da Memória. Tese Nº 102. **Resolução/UEPB/CONSEPE/013/2006**.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 2º ed., Rio de Janeiro: WVA, 1997.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca: 1994.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.  
**Resolução/UEPB/CONSEPE/013/2006**